



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.711

MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE, O ESTUDO DAS CRENÇAS RELIGIOSAS NA PRIMEIRA GERAÇÃO DE ANNALES

Lucineide Demori Santos DHI/LERR/PIBIC – UEM

Solange Ramos de Andrade DHI/PPH/ LERR – UEM

RESUMO: Este estudo tece considerações sobre as crenças presentes nas obras *Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio – França e Inglaterra*, editada por Marc Bloch em 1924, e *Martinho Lutero, Um Destino*, igualmente editada por Lucien Febvre em 1928. Tendo por objetivo entender a relevância que religiões e religiosidades têm para a historiografia dos fundadores da Escola de Annales, buscamos compreender o processo que levou ao movimento francês de 1929, revolucionário e inovador para a escrita da História. A partir da análise de referências bibliográficas verificamos que a primeira geração de Annales – 1929-1941 –, firmando-se pela História Antropológica e Psicológica, lançou bases para a História das Mentalidades, influenciando a pesquisa científica e a historiografia brasileira a partir da década de 1980, o que propiciou a consolidação dos estudos em religiões e religiosidades. Constatamos que ambas as obras são anteriores à fundação da Revista Annales d'Histoire Économique et Sociale, e apresentam-se portadoras dos conceitos que irão inovar a escrita da História, de modo que a Religião, a Psicologia Coletiva e a Antropologia tornam-se categorias que convertem-se em alicerces dessa construção historiográfica.

Palavras-chave: Religiões; Religiosidades; Historiografia; Escola de Annales.

Financiamento: Fundação Araucária.

Introdução/justificativa

Constatamos que dois modelos de historiografia predominaram no universo acadêmico do século XIX e início do século XX, a saber, o Positivismo e o Marxismo. Em contrapartida, Marc Bloch e Lucien Febvre inauguram uma nova metodologia ao iniciarem o movimento historiográfico que redundou na fundação da Revista Anais de História Econômica e Social, em 1929, partindo da interdisciplinaridade para construir uma Escrita da História que abrangesse, para além das estruturas políticas e sociais, o constructo mental dos homens. Os objetos elencados por Bloch e Febvre foram o sistema de crenças e as instituições religiosas predominantes, como a religiosidade viva e profunda presente em personalidades como Martinho Lutero, e instituições como a Igreja Católica com sua concepção de Realeza Sagrada.

A busca por compreender o Universo das Crenças nas historiografias de Febvre e de Bloch nos levou a entender as mudanças no paradigma da História, e sua influência para a historiografia brasileira. Mudanças estas relacionadas à novas formas de entender as representações culturais, entre as quais crenças, religiões e religiosidades figuram entre as mais contundentes formas de representações expressas pelas sociedades. A partir da Escola de Annales a questão da religiosidade e das religiões passa a ser uma das motivações que inova a escrita da História.

A orientação de novos paradigmas impulsionados pelas demais gerações da Escola de Annales, que ao dar continuidade aos trabalhos de Bloch e Febvre, estabelecem a História das Mentalidades, em meados da década de 1980, alcança a historiografia brasileira modificando suas perspectivas. (ANDRADE, 2012, p.17) A História das Mentalidades requer da orientação que a Ciência Antropológica fornece os quesitos necessários para entender o comportamento humano em coletivo, e encontra na expressão religiosa a representação do objeto onde a produção mental aparece como centro da pesquisa. Essa perspectiva em escrever a História a partir do estudo da construção mental do coletivo humano, quando a religiosidade expressa o universo em que vive esse coletivo, aponta como Antropologia Religiosa; de acordo com Andrade: “A antropologia religiosa passa a ser o referencial para o estudo dos rituais e das práticas religiosas.” (ANDRADE, 2012, p. 17)

Questões como crenças, ritos, religiões, passaram a ser o epicentro de uma discussão temporal, através da qual a História pode ser contemplada com novas razões de existir. Essa rota privilegiada por Febvre e Bloch expressou transformações próprias das Ciências Sociais que levaram à historiografia a definir sua identidade, inovada por ambos, quando disciplinas como a Psicologia e a Antropologia forneceram a matéria prima para a inovação na historiografia.¹ A Psicologia, como Ciência que ascende no século XIX, ramifica-se de modo a não estar presa ao campo clínico, mas também se enraíza no campo intelectual, com

¹ Cf.: DOSSE, F. *A História em Migalhas: dos “Annales” à “Nova História”*. Tradução Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, 1992, p. 21-98.

LE GOFF, J. *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 25-64.

várias composições terminológicas, entre as quais a Psicologia Coletiva vinculada ao nome de Charles Blondel seguramente inspirou os trabalhos de Bloch (LE GOFF, 1993, p. 14) e Febvre (DOSSE, 1992, p. 85), como *Os Reis Taumaturgos e Martinho Lutero, Um Destino*.

Não obstante, constata-se que a partir do século XIX contempla-se a ascensão das novas Ciências Sociais, como a Linguística, a Antropologia, a Psicologia, e principalmente a Sociologia durkheimiana, que primou por uma hegemonia entre as Ciências Sociais. Durkheim relegava à História o papel de auxiliar da Sociologia: “o historiador deve contentar-se em apanhar, coletar os materiais com os quais o sociólogo fará o mel” (DOSSE, 1992, p. 26). A crise política e econômica que assolou a Europa capitalista e seus adjacentes impulsionou a crítica ao discurso positivista da Escola Metódica que até então imperava entre os discursos historiográficos; somado a isso, a ascensão das Ciências Sociais e a intermitente busca de Émile Durkheim pela hegemonia da Sociologia sobre a História, provocaram a crise na disciplina acadêmica, o que fez com que os historiadores repensassem a escrita da História, de modo a Febvre e Bloch empenharem o embate contra a história positivista e o combate pela sua História, o que resultou na inovação historiográfica.²

A inovação historiográfica que se inicia a partir da escrita de Febvre e Bloch tem na questão das crenças, das religiões e das religiosidades seu mote excepcional, uma vez que são categorias que expressam a vida humana em sua essência no tempo e espaço, tais quais o historiador necessita apreender para que a sua história seja a história do homem em sociedade de acordo com a sua temporalidade. Dominique Julia³ oportuniza entender a alteração no cenário das Ciências Sociais, a partir de 1900, que ocorre devido aos historiadores considerarem a relação entre fé e ciência, ou seja, a fé religiosa e o pensamento científico. (JULIA, 1976, p. 107) Julia relaciona mudanças na expressão religiosa a partir de que as Ciências Modernas apontam para novas perspectivas do conhecimento humano.

² Cf.: DOSSE, F. *A História em Migalhas: dos “Annales” à “Nova História”*. Tradução Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, 1992.

³ JULIA, Dominique. *A Religião: História Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 106-131.

(JULIA, 1976, p. 106) Ocorre que a importância que a religião tem, para a História, é que este sistema passa a ser uma representação. Ao estudar a Religião, a História não se limita a estudar a História Religiosa, tampouco, defender este ou aquele olhar sobre a fé. A História toma a religião como expressão de um produto cultural. (JULIA, 1975, p. 107) Esta exposição permite entender que o olhar historiográfico de Febvre e Bloch sobre as Religiões e as Religiosidades é um olhar diferenciado daquele que dominou as mentes durante a Idade Média; também é diferenciado daquele que preconizado pelo Iluminismo completou o formato das Ciências Modernas, e abriu chancelas para os paradigmas que se consolidaram no século XIX⁴, e que, por sua vez, tornaram-se alvo dos ataques e da rejeição dos historiadores.

É esse novo olhar que se faz presente nas obras de Febvre e Bloch e está em evidência neste estudo; ou seja, em *Martinho Lutero, Um Destino*, e em *Os Reis Taumaturgos*, os historiadores tomam a religião e as religiosidades presentes no cotidiano de seus respectivos objetos como representações de uma temporalidade, encharcadas pela historicidade de suas sociedades, e constroem suas historiografias aprimoradas pelo manuseio de informações e conceptualizações que a interdisciplinaridade lhes confere. O objetivo deste trabalho é compreender o alcance dessa metodologia interdisciplinar e totalizante, na medida em que se compreende a complexidade do universo de crenças presente nas obras elencadas.

Objetivos

Nosso principal objetivo é entender como a historiografia de Febvre e Bloch mantém relação com as crenças, as manifestações religiosas e as instituições religiosas. Ao estudar o universo religioso presente em suas obras nos defrontamos com as discussões em torno das transformações ocorridas na escrita da História, em século XX, com a fundação da Revista *Anais de História Econômica e Social*, em 1929. Tais transformações consideradas a Revolução Francesa da Historiografia objetivaram novas perspectivas e adentraram o campus da historiografia brasileira,

⁴ Os paradigmas que predominaram no século XIX e meados do século XX e permearam a historiografia foram o Positivismo da Escola Metódica e o Marxismo das correntes economicistas. Cf.: BOURDÉ, Guy; MATIN, Herve. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990, p. 97-117 e p. 153-167.

principalmente a partir da década de 1980, com a consolidação da História da Mentalidades, oportuna à ascensão das pesquisas historiográficas envolvendo Religiões e Religiosidades. (ANDRADE, 2012)

Esclarecidas as questões quanto aos métodos historiográficos, a revolução historiográfica francesa, e a par das escolhas de Febvre e Bloch, nossas atividades direcionam-se às manifestações religiosas exploradas nas obras dos fundadores da Escola de Annales, zelando por precisar a importância desse universo de crenças na História Nova. As referências que oportunizaram que compreendêssemos o quanto o estudo sobre crenças acresce à pesquisa historiográfica são: Dominique Julia, em *A Religião: História Religiosa* (1976) e Alphonse Dupront em *A Religião: Antropologia Religiosa* (1976). Utilizamos as contribuições de Jaqueline Hermann (1997) pra adentrar o discurso da História e Religiões. E Solange Ramos de Andrade (2012) oportuniza pensar a inovação na historiografia brasileira a partir das pesquisas em Religiões e Religiosidades.

A pesquisa bibliográfica conduziu-nos às conclusões deste trabalho com base no estudo sobre relações História/Religiões e suas manifestações, tendo por produto apontamentos que somente por via da História das Ideias poderíamos adentrar. Dessa maneira, perseguimos e exploramos os objetivos de primeiro, entender o universo de crenças e sua importância para a historiografia de Bloch e Febvre, e segundo, seu alcance à historiografia brasileira.

Resultados

Marc Bloch e Lucien Febvre fundam, em 1929, a Revista *Anais de História Econômica e Social*, da qual originou-se o movimento historiográfico Escola de Annales, que significou uma revolução no pensamento historiográfico francês, alcançando o mundo ocidental, e iniciando uma nova perspectiva para a escrita da História. (BURKE, 1997)

As fontes estudadas nesta pesquisa são: *Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio, França e Inglaterra*. E *Martinho Lutero, Um Destino*. *Os Reis Taumaturgos* foi editado por Marc Bloch em 1924. O livro trata do fenômeno da cura das escrófulas pelo toque da realeza sagrada francesa a partir do século XI

enquanto fenômeno vinculado à concepção de realeza cristianíssima.⁵ (BLOCH, 1993, p. 259-263) E do mesmo fenômeno verificado pela realeza inglesa, a partir do século XII, como uma cópia do ocorrido em França, e enquanto produto da rivalidade política entre as duas nações. (BLOCH, 1993, p.91-96) O milagre inglês manifestou-se, ainda, acrescido de outros fenômenos adjacentes à concepção de realeza sagrada, taumatúrgica e cristianíssima, que foram os milagres dos anéis medicinais estendidos à cura da epilepsia. (BLOCH, 1993, p. 132-147)

Nesta obra, Marc Bloch demonstra como se desenvolveu a crença do poder de cura milagrosa por meio do toque do rei, mediante a necessidade social em função da carência de recursos medicinais científicos e financeiros de toda uma população acometida por doenças. O mote central da pesquisa de Bloch é a concepção de realeza sagrada que homogeneizou a sociedade em torno do ato da consagração do rei pelas hostes clericais, e o desfecho que o contexto político das casas reais proporcionou às sociedades medievais e modernas da Europa Ocidental, no período de longa duração, da Idade Média à Modernidade.

O livro de Lucien Febvre, *Martinho Lutero, Um Destino*, foi editado em 1928. Lucien Febvre, nesta obra, anterior à fundação da Escola de Annales, traça o perfil do monge agostiniano que balançou as estruturas religiosas e políticas da Europa Ocidental, perscrutando o homem em seus conflitos interiores, ou seja, o Lutero revelado por Febvre é um homem que inicia sua trajetória em função da angústia que sentia frente à vida e como relacionava a pertença à religião e a fé que lhe era inerente. O Lutero revelado por Febvre constrói-se passo a passo, mediante à realidade que presencia nas sociedades em que vive, e em sua ordem religiosa.

Lucien Febvre tece a imagem de Lutero a partir da decisão pela vida religiosa, com o cuidado de demonstrar que a opção de Lutero fugia totalmente da motivação de ascensão que a vida religiosa significava, mas ao contrário, a opção expressou a busca por satisfação para um jovem de temperamento insatisfeito com a realidade, até onde a havia contemplado. Tanto que a atitude de Lutero dentro do convento era, segundo palavras de Febvre, “acima do comum”. (FEBVRE, 2012, p. 30). Sua dedicação às penitências e mortificações revela a implacável busca por Deus; a

⁵ Cf.: HANI, J. *La Realeza Sagrada: del faraón al cristianísimo Rey*. Barcelona: Sophia Perennis, 1998.

insatisfação de Lutero viria em função de que esta busca por conhecer o Deus Pai Amoroso de quem Jesus Cristo falou, e os Evangelhos contaram, deparou-se com a frieza das doutrinas católicas do século XVI que apresentavam um Deus juiz, cruel vingador do homem pecador. (FEBVRE, 2012, p. 30-31) Construindo uma história psicológica, Lucien Febvre trava um diálogo entre a postura da Igreja Católica do século XVI e a Reforma Protestante que brotou de suas entranhas, liderada pelo monge agostiniano de Erfurt. Febvre intenciona compreender através do psicológico do indivíduo histórico a utensilagem mental de uma sociedade posta em recorte. Essa característica da escrita de Lucien Febvre é explícita em *Martinho Lutero, Um Destino*, onde a historiografia aparece como páginas romanceadas, em função de que a história psicológica perpassa o contexto político e social, mas para além disso, revela o homem enquanto objeto central da escrita da História.

Marc Bloch, em *Os Reis Taumaturgos*, trabalha com uma História Política. Ao contar como se desencadeou o fenômeno da cura miraculosa de escrófulas pelo toque dos reis franceses e ingleses tece considerações sobre a formação política das dinastias detentoras do poder político, porém de uma maneira que o sentimento cultural prevalece como pressuposto dessa edificação. Para entender a afirmativa de que Marc Bloch ao trabalhar com a História Política não negligencia o sentimento cultural por este ser o pressuposto da edificação política, recorreremos a Dupront⁶, que ao escrever sobre a Antropologia Religiosa demarca o limite entre História, Religiosidade e Antropologia, não obstante, cada uma dessas categorias entrelaçarem-se e fazerem parte de um sistema ontológico, no seio do qual a Política, compreendida como a contingência das relações humanas, é mais uma de suas representações.

Dupront aponta a imparcialidade de uma interpretação da Antropologia Religiosa como o material primário na confecção da História (DUPRONT, 1976, p. 83), uma vez que sendo a História a ciência do homem dentro de sua temporalidade e espacialidade e a Antropologia a Ciência que se dedica às construções ontológicas, a religiosidade é inerente a esse homem histórico, daí a impossibilidade

⁶ DUPRONT, Alphonse. *A Religião: Antropologia Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 83-105.

de obter a tessitura historiográfica sem a pontuação da produção religiosa como parte determinante desse processo: “O religioso exprime o humano quase em sua mais enérgica medida. E o faz – o que interessa à história – através de uma considerável espessura humana, temporal.” (DUPRONT, 1976, p. 83)

Ao apresentar um personagem como Martinho Lutero com uma escrita sensível, profunda, densa, Febvre se dedica a entender o instrumental mental produzido pelo coletivo da sociedade. A escrita de Febvre é uma escrita voltada para o complexo mundo das tônicas psíquicas, que se faz historiografia por apreender a mente do personagem, e a partir desta, obter a leitura sobre a produção mental da sociedade, sem ocultar-se do conteúdo histórico provocado pela tensão das relações intersticiais – meandros da vida que compõem o que chamamos de História.

Constatamos que para Marc Bloch a essência da História é o homem a quem o historiador deve perscrutar minuciosamente, como um “ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça.”⁷ (BLOCH, 2001, p. 54) Para Lucien Febvre, esse homem é o ponto de partida. Bloch busca na história do coletivo compreender os grupos que, distintamente, compõem o social e reproduzem a ideologia dominante. Febvre busca num indivíduo refratário à mentalidade de época entender a produção psicológica do coletivo, demonstrando que conhecer a história não é necessariamente possível somente através dos dados empíricos, econômicos e políticos, mas além destes, também por meio da apreensão do pensamento do homem em seu tempo.⁸ (BERR, 2009, p. 16 e 17)

A religiosidade aparece nas obras de Febvre e Bloch, comumente, como expressão do nível de representações produzidas pelas pessoas em seu tempo. Portanto, crenças, religiosidades, e instituições religiosas são apresentadas como sistemas que por meio de categorias, como as psíquicas e antropológicas, aglutinam as intenções e necessidades do coletivo humano.

⁷ Cf.: BLOCH, Marc. *A apologia da História, ou, O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 54.

⁸ BERR, Henri. Prefácio. In: FEBVRE, Lucien. *O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Religião de Rabelais*. Tradução Maria Lucia Machado; São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 15-27.

Tal inovação alcança os historiadores brasileiros, em meados da década de 80 do século XX, conforme afirmação de Andrade; a partir de que, a historiografia brasileira desenvolve um relevante mote de trabalhos na área das Religiões e Religiosidade. Andrade, citando Dupront, afirma:

A antropologia religiosa passa a ser o referencial para o estudo dos rituais e das práticas religiosas. O interesse está em analisar como as pessoas se comportam diante do fenômeno religioso.” (ANDRADE, 2012, p.17)

No Brasil eclodem pesquisas na área de religiões, crenças e fenômenos religiosos, de modo a produzir-se trabalhos envolvendo as variedades e diversidades religiosas, aferindo-se ao mundo do cinema, literatura, música, enfim, a todo tipo de produção que venha tratar da manifestação cultural expressa por meio de religiões, crenças e religiosidades. (VAINFAS, 1997, p. 158-162). Jacqueline Herman traça um apanhado de como o fenômeno religioso invadiu o campo da História enquanto objeto privilegiado pelos historiadores a partir de um contexto de ascensão das ciências humanas, que possibilitou o diálogo interdisciplinar entre as mesmas. No panorama, Hermann demonstra como a história das religiões firmou-se nos séculos XIX-XX, diferenciando-se da sociologia religiosa:

Diferentemente dos objetivos da “sociologia religiosa”, que inseriu suas preocupações com o fenômeno religioso na busca de leis gerais do funcionamento da sociedade, a “ciência das religiões”, ou a “história das religiões”, passou a ter um objetivo específico: a origem das religiões, de um lado e a essência da vida e o homem religioso do outro. (HERMANN, 1997, p. 335)

Com base nesse raciocínio entendemos que a busca por compreender o quanto o homem religioso explicita a consciência sobre a essência da vida de acordo com as características da sociedade na qual se insere, entendemos a contribuição de Lucien Febvre quando conceitua por Utensilagem Mental tudo o que expõe a produção intelectual e cultural de uma coletividade. Não obstante, o zelo de

Bloch pela minuciosa pesquisa interdisciplinar oferta um quadro semiótico⁹ da história de longa duração das casas reais francesas e inglesas, o que oportuniza um novo conceito em pesquisa histórico-científica.

Conclusão

Objetivamos entender como as obras de Lucien Febvre e Marc Bloch travam relação entre História e Psicologia Coletiva; como revelam-se as representações culturais, tais quais crenças e religiões, por meio do estudo da concepção sagrada em *Os Reis Taumaturgos*, e do estudo de caso de um indivíduo que marcou a sua época, e que torna-se objeto de estudo por revelar o instrumental mental da sociedade em que viveu, como em *Martinho Lutero, Um Destino*. Ao perscrutar os caminhos os quais ambos historiadores percorreram na produção de suas obras, entendemos que a historiografia passou por um processo de combate por sua identidade frente as Ciências Sociais, e despontou numa nova metodologia, de acordo com a qual Religiões e Religiosidades figuram entre as categorias de uma nova escrita da História. Essa inovação historiográfica alcançou os historiadores brasileiros e a partir da década de 1980 passa-se a investir em pesquisas abordando crenças e religiões, inseridas na visões de História Cultural e História das Mentalidades, que abarcam o conceito de Antropologia História e Psicologia Histórica.

Concluimos que o estudo avançou na compreensão sobre o universo das crenças presente nas obras de Febvre e Bloch, definindo-se pela relevância dessa abordagem para a historiografia e seu alcance para a historiografia brasileira, por entender que nas obras de Febvre e Bloch a religiosidade, as religiões e as crenças são expressões da Psicologia Coletiva de uma época, a mais profunda e sentida de todas as manifestações humanas, e que a historiografia de Febvre e Bloch inova a metodologia da História por buscar nessa expressão – Crenças – a revelação do homem histórico, independentemente de sua condição social, econômica e política, porém, entronizado em todo o contexto que perfila sua existência em sociedade.

⁹ Não se faz referência ao método preferencial do movimento “Estruturalismo”, somente aludimos à capacidade de Marc Bloch em dimensionar seus conceitos sobre os fatos históricos por meio dos gestos, símbolos e manifestações de crenças religiosas.

Referências

ANDRADE, Solange Ramos. *O Catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963 – 1980)*. Maringá Eduem, 2012.

BERR, Henri. Prefácio. In: FEBVRE, Lucien. *O Problema da Incredulidade no Século XVI: A Religião de Rabelais*. Tradução Maria Lucia Machado; São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 15-27.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio, França e Inglaterra*. Tradução Júlia Mainardi, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales, (1929 – 1989) A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

DOSSE, François. *A História Em Migalhas – Dos Annales À Nova História*. Tradução: Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Editora Ensaio, 1992.

DUPRONT, Alphonse. *A Religião: Antropologia Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 83-105.

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

HERMANN, Jacqueline. *História das Religiões e Religiosidades*. In: CARDOSO; VAINFAS (Orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 329-352.

JULIA, Dominique. *A Religião: História Religiosa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 106-131.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. *História da Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1977, p. 189-241.